

# A FORÇA ARGUMENTATIVA DO EMPREGO DE ALGUNS TEMPOS VERBAIS EM EDITORIAIS E CARTAS AO LEITOR\*

Luisa Helena Borges FINOTTI (UFU)

**RESUMO:** Considerando que um gênero discursivo determina-se essencialmente pela sua função e não pela forma, visto que são os propósitos que determinam a obtenção dos objetivos requeridos e, por isso, lhe dão esfera de circulação, podemos afirmar como o faz Marcuschi(2005:4) que *os gêneros discursivos operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam num relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação além de justificativa individual*. Daí se poder enfatizar suas características eminentemente comunicativas, com predominância de suas funções, propósitos, ações e conteúdos. Partindo dessa premissa, temos por objetivo neste artigo apresentar algumas conclusões a que chegamos a partir da análise do emprego dos tempos verbais em editoriais e em cartas ao leitor. Tal análise apóia-se nos estudos realizados por Weinrich(1968) sobre a estrutura e função dos tempos na linguagem e em Travaglia(1991) sobre a categoria aspectual dos verbos.

**PALAVRAS-CHAVE:** tempo verbal, atitude comunicativa, editoriais, cartas ao leitor

**ABSTRACT:** The aim of this article is to present ours conclusions about the analyses of verbal tense and the communicative attitude revealed by this choice that appear in some discursive genre like editorial and readers letters. On this purpose, we selected the studies of Weinrich(1968) about the structure and function of verbal tense in language and Travaglia(1991) about the aspect as a category of the verbs.

**KEY- WORDS:** verbal tense, communicative attitude, editorial, readers letters.

## 1. Introdução

Estudos textuais-discursivos têm sido vistos nestes últimos anos como um campo profícuo de análise, principalmente se considerarmos sua importância na recepção e produção de textos, sejam eles orais ou escritos. Além disso, se lembrarmos que uma das tarefas propostas pela Linguística Textual constitui-se na determinação dos princípios de constituição textual e na distinção dos diferentes tipos de textos, um estudo cujo objetivo é investigar o modo pelo qual o emprego dos tempos verbais pode funcionar argumentativamente em editoriais e cartas ao leitor tem aí sua justificativa.

Se adotarmos como ponto de partida para nossas reflexões acerca desta temática o pressuposto de que a interação é *determinada pelas situações sócio-históricas de produção de enunciados e pelos gêneros dos discursos em circulação social*, conforme Rojo(2001, p.172) apud Morato(2004, p.344), torna-se fundamental que essa noção seja incorporada à questão do sentido nos diferentes tipos de textos e, conseqüentemente, nos diferentes gêneros discursivos.

Pragmaticamente, diferentes gêneros discursivos são reconhecidos pelos membros de uma comunidade cultural e utilizados com o intuito de permitir a realização de uma ação em uma situação particular, embora, algumas vezes, dada a inter-relação entre eles, seja difícil distinguir suas particularidades. Isso não invalida, contudo, a definição de suas dimensões essenciais, conforme propôs Bakhtin, ou seja, seu conteúdo temático, sua estrutura composicional e seu estilo.

Uma vez que cada gênero pode ser abordado sob diferentes perspectivas analíticas, optamos pelo enfoque sociointeracionista, visto que tanto os editoriais quanto as cartas ao leitor são construídos como reflexo da interação entre autor e leitor em um dado contexto de situação, e organizados internamente de modo a permitir detectar a recorrência de alguns elos comuns, dentre eles o emprego dos tempos verbais e a atitude comunicativa veiculada por tal emprego.

Para isso, formulamos como hipótese central de investigação que a atualização dos tempos verbais na linguagem é determinada pelos aspectos tipológicos, pelas capacidades de linguagem dominantes e pelos

---

\* Este trabalho teve a participação colaborativa dos alunos de Iniciação Científica – Carlos Gustavo de Lacerda Stein e Roberta Alves Dayrell da Cunha Pereira - orientados por mim, ao longo de 2005, em um projeto maior, intitulado “Aspectos da construção composicional em gêneros da ordem do argumentar.

domínios sociais de comunicação. Essa hipótese encontra respaldo na proposta desenvolvida por Weinrich(1968) sobre a estrutura e função dos tempos na linguagem e no agrupamento de gêneros de Dolz & Schneuwly(1996).

Assim, se tomarmos a conceituação do vocábulo – editorial - , segundo Rabaça e Barbosa(1987) apud Arruda (2003: p.140), teremos:

*Texto jornalístico opinativo, escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura, sobre os assuntos ou acontecimentos locais, nacionais ou internacionais de maior relevância. Define e expressa o ponto de vista do veículo ou da empresa responsável pela publicação (do jornal, revista, etc. ) ou emissão (do programa de televisão ou rádio).*

Já, para a carta ao leitor, não encontramos no acervo pesquisado uma conceituação precisa para esse gênero. Na tentativa de a conceituarmos, resolvemos perguntar ao jornalista e editor da Revista Super Interessante, Ivan Finotti, na época da coleta de dados, como ele a definiria. Segundo ele, a carta ao leitor poderia ser entendida como uma apresentação ao leitor sobre a edição em pauta. Ou, em suas próprias palavras, *a carta ao leitor demonstra um pouco como a edição foi pensada durante a pauta e a apuração das reportagens, o que revela, de certa forma, quem é o editor e como pensa. Além disso, muitas vezes a carta ao leitor acaba sendo um mini-resumo da edição, uma espécie de índice editado do que o editor considera o melhor daquelas páginas.*

O fato de prevalecer nos dois gêneros a atitude de argumentar com vistas a convencer o leitor sobre o valor de algo ou sobre as idéias apresentadas aproxima esses conceitos, fazendo com que os mesmos se enquadrem nos gêneros da ordem do argumentar. É o que fazem Dolz & Schneuwly, ao estabelecerem que tanto os editoriais quanto as cartas ao leitor pertencem ao agrupamento do *argumentar* (aspecto tipológico) e têm na *sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição* sua capacidade de linguagem dominante. Portanto, segundo nossa hipótese, restaria à *discussão de problemas sociais controversos*, ou seja, ao domínio de comunicação a diferenciação maior entre esses dois gêneros.

## 2. Metodologia

O *corpus* que compõe esta pesquisa compreende 30 editoriais, sendo 15 extraídos da Folha de S. Paulo e 15 da Revista Istoé Dinheiro, e 30 cartas ao leitor, sendo 10 da Revista Istoé, 10 da Revista Veja e 10 da Revista Super Interessante, recolhidos ao longo do ano de 2005.

A análise desse *corpus* foi efetivada, em um primeiro momento, com a classificação dos tempos verbais encontrados em consonância com suas propriedades sócio-comunicativas e as seqüências tipológicas caracterizadoras do narrar e do comentar, segundo Weinrich.

Para esse autor, o fato de os tempos verbais assim como a pessoa do verbo se repetirem ao longo dos enunciados, em um contexto discursivo dado, reflete a atitude comunicativa do falante. É, portanto, a partir desta detecção que Weinrich estabelece dois grupos temporais: o grupo I, ou seja, *tempos do mundo comentado* e os do grupo II, *tempos do mundo narrado*, esclarecendo que, embora a língua estudada tenha sido a francesa, este sistema temporal é válido para outras línguas.

Assim, o grupo I, tempos do mundo comentado, pertenceriam o presente do Indicativo, o pretérito perfeito simples e composto, o futuro do presente, além das locuções e, ao grupo II, tempos do mundo narrado, o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito, o pretérito mais-que-perfeito, o futuro do pretérito do Indicativo, bem como as locuções. Esta separação em dois grupos ocorre em função da atitude que a escolha temporal desencadeia no ouvinte. Assim, enquanto o narrar predispõe a uma postura de relaxamento por parte do interlocutor, visto representar por meio do discurso experiências vividas, situadas no tempo, o comentar exige uma postura crítica, uma tomada de posição pelo interlocutor em relação ao que está sendo dito.

Como nosso *corpus* é constituído por textos pertencentes à ordem do argumentar, o segundo passo empreendido foi analisar a pertinência da proposta de Weinrich, isto é, verificar se os tempos verbais utilizados neste agrupamento de gênero corresponderiam de fato aos tempos do mundo comentado ou, em caso contrário, o que nortearia a opção do editor em efetivar outros tempos no contexto dos editoriais e das cartas ao leitor.

Além disso, considerando as especificidades que podem ser atribuídas a um e outro gênero, cotejamos os dois no intuito de verificar se haveria entre eles diferenças significativas, quanto ao emprego dos tempos verbais, que poderiam justificar nomeações distintas encontradas em um mesmo domínio discursivo, o jornalístico.

### 3. O emprego dos tempos verbais nos editoriais

Conforme mencionamos anteriormente, o primeiro passo desta pesquisa foi o levantamento e classificação de todos os tempos verbais encontrados nos editoriais do jornal *Folha S. Paulo* e na revista *Istoé Dinheiro* e seu percentual de ocorrências, conforme **tabela 1**, abaixo.

Tabela 1

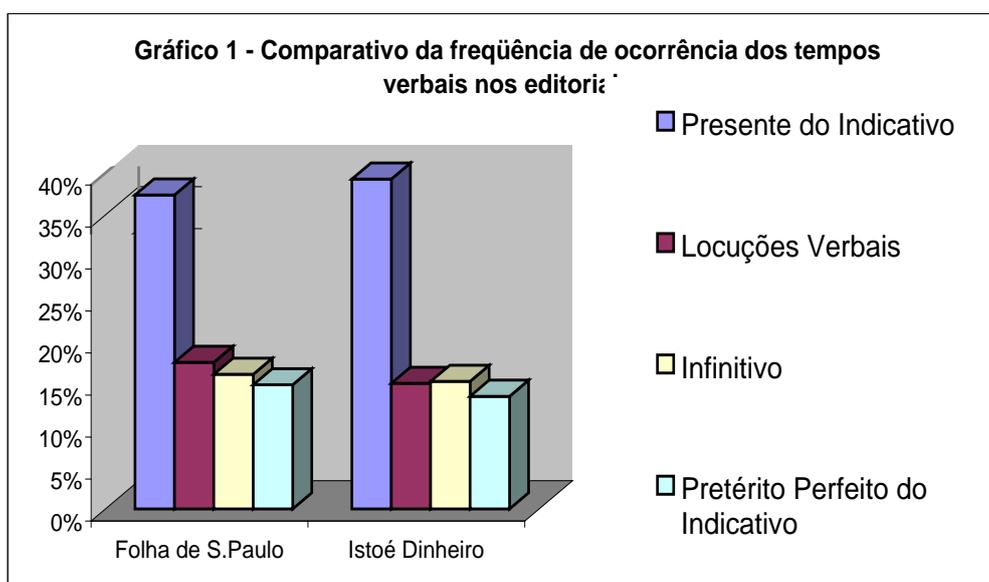
Tempos verbais	Folha de S. Paulo	Istoé Dinheiro
Presente do Indicativo	37,37%	39,26%
Pretérito Perfeito	14,78%	13,41%
Infinitivo	16,02%	15,19%
Pretérito Imperfeito	1,64%	2,91%
Particípio	2,05%	3,55%
Gerúndio	1,23%	2,42%
Futuro do Pretérito	1,03%	1,29%
Pretérito mais-que-perfeito	0,62%	0,16%
Futuro do Presente	0,41%	1,62%
Imperativo	0,00%	0,32%
Presente do Subjuntivo	2,46%	1,62%
Pretérito Perfeito	0,00%	0,32%
Pretérito Imperfeito	0,82%	0,48%
Futuro	0,21%	0,97%
Locuções verbais	17,45%	14,96%
Tempos Compostos	3,70%	1,62%
<b>No Total de Verbos</b>	<b>487</b>	<b>619</b>

Nos editoriais do jornal *Folha S. Paulo*, houve predominância do presente do Indicativo com 37,37% de ocorrências; seguida pelas locuções verbais com 17,45% e pelo infinitivo com 16,02% ocorrências. O quarto maior número de ocorrências obteve o pretérito perfeito do Indicativo com 14,78%.

Em número bem reduzido apareceram as formas do futuro do presente, futuro do Subjuntivo, pretérito imperfeito do Subjuntivo e pretérito mais-que-perfeito do Indicativo.

Relativamente aos editoriais da Revista *Istoé Dinheiro*, houve predominância do presente do Indicativo, com 39,26% de ocorrências; seguido pelo infinitivo com 15,19%. O terceiro maior número de ocorrências foi com o pretérito perfeito do Indicativo, tendo 13,41%.

Como pode ser visualizado no **gráfico 1** abaixo, os tempos verbais cuja ocorrência foi mais significativa, nas duas fontes pesquisadas, foram: o presente do Indicativo, as locuções verbais, o infinitivo e o pretérito perfeito do Indicativo.



Pode-se ver claramente que o presente do Indicativo aparece em um número bem maior que os outros tempos verbais de maior ocorrência, embora seja significativa a ocorrência de verbos no infinitivo.

O infinitivo, como sabemos, constitui com o particípio e o gerúndio as formas nominais dos verbos em português. Como em nossa análise ocorreu um número significativo de verbos no infinitivo e, considerando que Weinrich não o coloca como constituinte dos tempos do comentar ou do narrar, é necessário esclarecer a razão pela qual o autor não o faz.

Ao analisar a gramática tradicional, Weinrich (1968: p. 39 e ss.) observou que certas formas verbais eram consideradas como tempo e outras não. Uma vez que esta visão baseou-se no conceito de tempo como categoria não lingüística, o autor, com base na língua francesa e no princípio de audibilidade, restringiu-se ao grupo de tempos que ofereciam informações completas sobre pessoa e tempo. Assim, segundo esse princípio, foram desconsideradas as formas nominais e os modos Subjuntivo e Imperativo. Esta questão será retomada oportunamente.

#### 4. O emprego dos tempos verbais nas cartas ao leitor

Seguindo o mesmo padrão metodológico, a **tabela 2** apresenta a média do percentual de ocorrência dos tempos verbais encontrados nas cartas ao leitor, por revista. Por exemplo: nas cartas ao leitor da revista *Veja*, verificamos um total de 40,84% de verbos no presente do Indicativo. Se verificarmos carta a carta, perceberemos que houve casos em que a ocorrência do presente girou em torno de 25% e, em outros, 60%. Obtivemos a média da seguinte forma: I) verificamos a quantidade de verbos em cada carta ao leitor, II) o tempo verbal de cada verbo e III) calculamos, com base no total de verbos por carta ao leitor, a porcentagem de ocorrência de cada tempo verbal, IV) fizemos a média ponderada por revista, a partir do cálculo percentual das ocorrências de cada tempo verbal por carta, para cada revista.

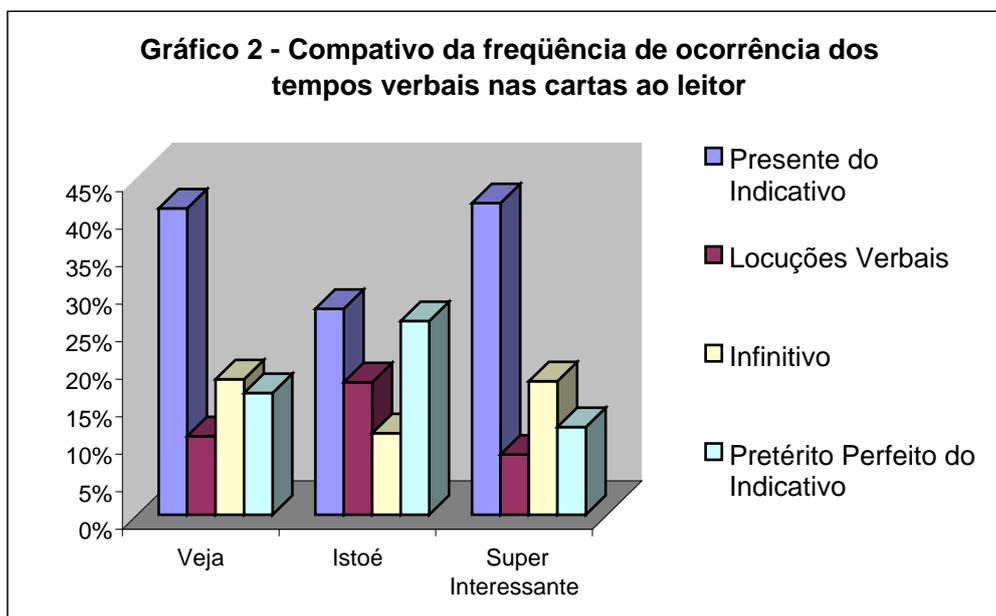
Vejam sua configuração:

Tabela 2

<b>Tempos Verbais/Revistas</b>	<b>Veja</b>	<b>IstoÉ</b>	<b>Super Interessante</b>
Presente do indicativo	40,84%	27,45%	41,54%
Pretérito perfeito do indicativo	16,23%	25,82%	11,69%
Infinitivo	18,06%	10,87%	17,80%
Pretérito imperfeito do indicativo	4,19%	4,08%	2,79%
Particípio	2,88%	2,72%	1,40%
Gerúndio	1,57%	0,54%	3,84%
Futuro do pretérito	1,05%	3,26%	1,05%
Pretérito mais-que-perfeito	0,79%	0,00%	0,17%
Futuro do presente	0,26%	0,82%	3,32%
Imperativo	0,26%	0,00%	4,36%
Presente do subjuntivo	1,31%	1,09%	0,70%
Pretérito perfeito do subjuntivo	0,00%	0,00%	0,17%
Futuro do subjuntivo	0,26%	1,90%	1,05%
Pretérito imperfeito do subjuntivo	0,52%	0,82%	0,87%
Locuções verbais	10,47%	17,66%	8,03%
Tempo composto	1,31%	2,99%	1,22%
<b>Nº Total de verbos por Revista</b>	<b>382</b>	<b>368</b>	<b>573</b>

Para contraste, apresentaremos, a seguir, o **gráfico 2** da distribuição das ocorrências dos tempos verbais nas três revistas, a fim de as compararmos.

Observando esse gráfico, percebemos a discrepância entre a frequência de ocorrência de alguns tempos verbais em relação a outros. Fica evidente que os tempos com maior frequência correspondem aos tempos: presente do Indicativo, infinitivo, pretérito perfeito do Indicativo e as locuções verbais. A preferência por esses tempos se repete ao longo da análise do *corpus* referente às revistas Veja, Istoé e Super Interessante, como podemos verificar no gráfico comparativo a seguir.

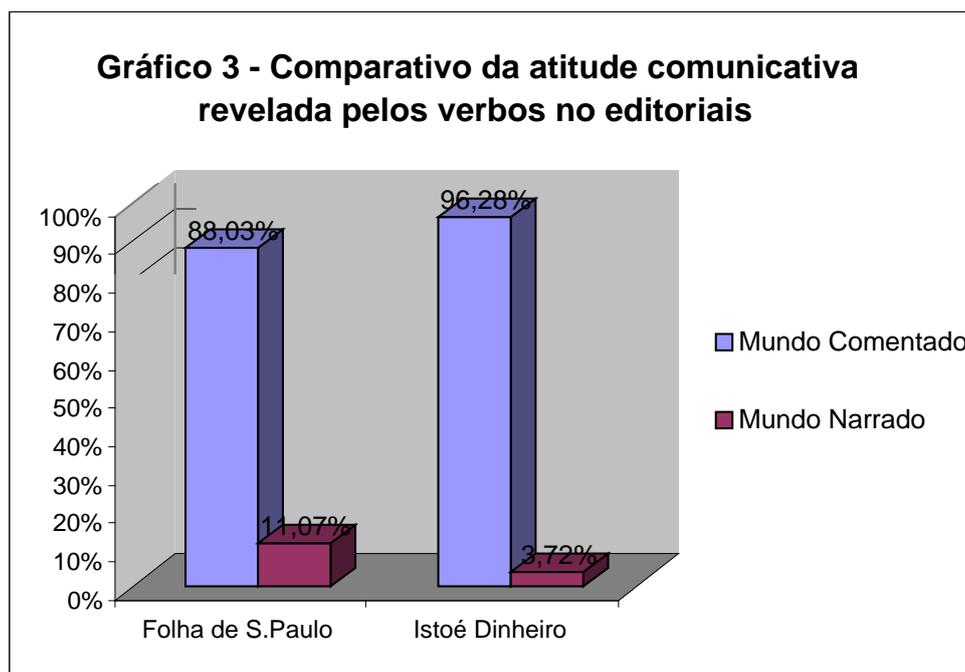


### 5. A atitude comunicativa veiculada nos editoriais

Quanto à atitude comunicativa revelada pelo emprego dos tempos verbais, o Jornal Folha de S. Paulo apresentou 88,03% dos tempos verbais do mundo comentado e apenas 11,07% com verbos do mundo narrado.

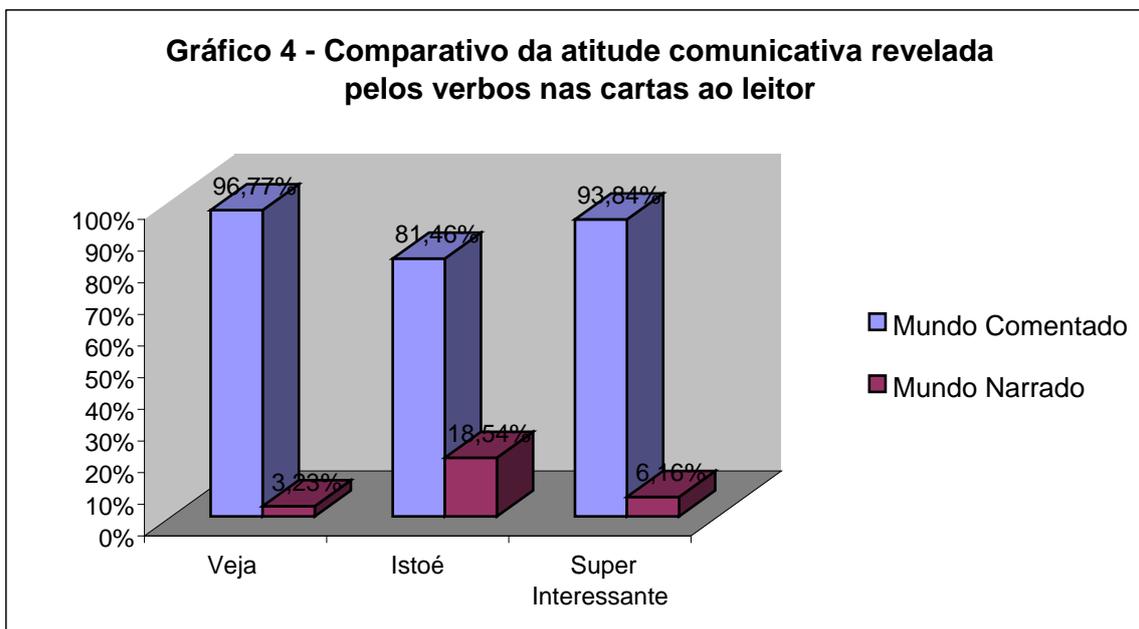
Na revista Istoé Dinheiro, 96,28% dos verbos atualizados são pertencentes ao mundo comentado, enquanto 3,72% são do mundo narrado.

A seguir, exemplificamos por meio do **gráfico 3** uma comparação entre a atitude comunicativa revelada pela escolha dos tempos verbais nos *corpora* analisados.

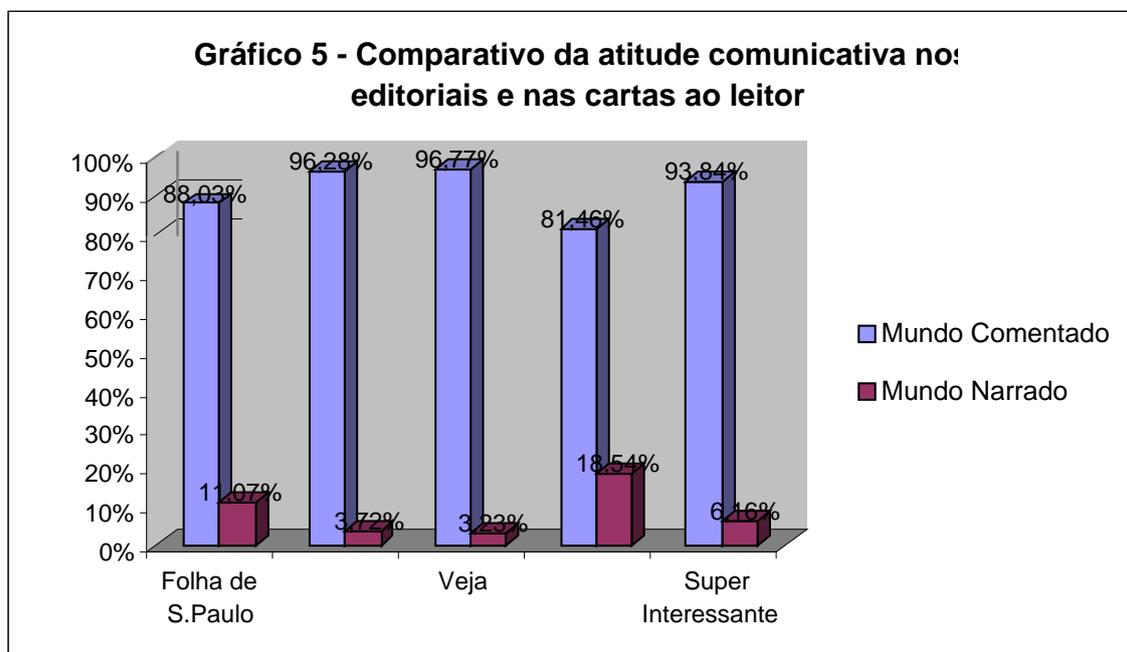


## 6. A atitude comunicativa veiculada nas cartas ao leitor

Assim como ocorreu com os editoriais, as cartas ao leitor têm, no mundo comentado, um percentual de ocorrência significativamente maior, em média 90,69%, que as do mundo narrado com 9,31%, conforme **gráfico 4** abaixo.



Esta diferença entre a atitude comunicativa revelada pelos verbos do comentar e do narrar fica também evidenciada no cotejo entre os editoriais e as cartas ao leitor, conforme pode ser observado no **gráfico 5**. Vejamos:



Este gráfico comprova a preferência pelo emprego dos tempos do mundo comentado nos dois gêneros do argumentar pesquisado, justificando, assim, a proposta de Weinrich.

Além disso, a análise do *corpus* revelou que o emprego dos tempos do grupo II, mundo narrado, ocorre como uma espécie de resumo introduzido na situação comentada, conforme será discutido posteriormente.

## 7. Análise dos dados e discussão

Com base nos resultados alcançados, acreditamos ser o momento de ilustrar operacionalmente a proposta de Weinrich, a fim de nos certificarmos se a constatação de que a atitude comunicativa revelada tanto pelos editoriais quanto pelas cartas ao leitor, ou seja, predominância do mundo comentado autoriza a inclusão desta categoria como elemento composicional do agrupamento de gênero do argumentar.

Os excertos abaixo orientarão nossas discussões, sendo os cinco primeiros amostras de editoriais e os três últimos de cartas ao leitor. Vejamos:

1. O risco Brasil **é** um daqueles que, de tão voláteis, não **podem ser** levados a sério. Mas **vale** aos investidores como medida de humor do mercado.

Tal risco **retomou** sua escala, ao ritmo de 35 ao dia. Ainda não **é** aquela loucura com mais de 1600 ponto de cotação, mas **alterou** a rota de queda.

MARQUES, C. J. A natureza da economia.

2. Quantos números **serão** necessários para que o Senhor presidente Lula se **convença** de que a economia não **está** lá aquele espetáculo?

Na semana passada, o IBGE **soltou** outra daquelas estatísticas que, de tão eloqüentes, não **deixam** espaço para dúvidas: o PIB, em todas as áreas, **foi** medíocre (**creceu**, em média, 0,3% no trimestre) e o Brasil **deu** marcantes sinais de que a desaceleração **segue** a sua balada.

O ministro Palocci, **usando** de um deboche que **beira** o irresponsável, **chegou a dizer** que o PIB chinfrin só **reforça** a idéia de que a política econômica (**leia-se** balde de juro) **está** na direção certa.

MARQUES, C. J. Surpresa no espetáculo.

3. De tão simples, **revela-se** óbvio.

De tão óbvio, **impõe-se** indispensável.

De tão indispensável, **exige-se** urgente.

**É** como tal que **deve ser tratado** o projeto da lei Geral da Micro e Pequena empresa, **apresentado** na semana passada por lideranças da iniciativa privada em São Paulo.

Não **é** preciso muito tempo para **efende-la**, nem muita saliva para **efende-la**.

Seu princípio básico **é** de que **há** nada menos que 10 milhões de brasileiros prontos para **integrar** as estatísticas oficiais n condição de empresários de pequeno porte.

MARQUES, C. J. Óbvio Lulante.

4. O noticiário envolvendo as favelas cariocas quase sempre **está associado** ao crime organizado, ao tráfico, às chacinas. Por isso, o problema da expansão horizontal dessas habitações precárias no Rio **pode parecer** a alguns assunto menor. Não **é**. Ele **diz** respeito à viabilidade sócio-ambiental da cidade. As matas e áreas verdes que **formam** a silhueta da paisagem carioca **vêm sendo** destruídas **há** décadas.

**É**, por isso, boa, a notícia **revelada** pelo estudo do Instituto Pereira Passos, da prefeitura do Rio de Janeiro. **Baseado** em fotos de satélites, ele **constata** a redução do crescimento horizontal das favelas Rocinha e Rio das Pedras. **Seria** muito útil que esse tipo de levantamento **fosse estendido** às demais favelas e morros do Rio.

Olhar as favelas. Folha de S. Paulo, São Paulo, 23/04/05.

5. **São** constrangedores os mais recentes indícios de nepotismo na Câmara dos Deputados. Segundo levantamento publicado no último domingo por esta Folha, cônjuges de 96 deputados federais – quase um quarto dos 391 membros da Casa que se **declararam** casados – **foram** nomeados para cargos de comissão nos últimos anos. Os resultados do levantamento **reacenderam** a discussão sobre a necessidade de uma lei para **conter** o abuso. (...) De todos os casos, os que mais **suscitam** suspeitas de nepotismo **são** aqueles em que parlamentares **empregam** familiares em gabinetes de outros deputados, numa tentativa de **camuflar** a prática e **evitar** desgastes.

Nepotismo à solta. Folha de S. Paulo, São Paulo, 29/03/05

6. Para **aplacar** reclamações antigas dos assalariados, o governo **editou** em 30 de dezembro passado uma medida provisória, “MP”, em que **corrige** em 10% a tabela do imposto de renda (IR) dos empregados. A correção **é** insuficiente para **cobrir** a defasagem de 49% da tabela acumulada desde 1996. Ela, entretanto, **é** salutar por **reduzir** o peso dos impostos sobre os assalariados por meio da atualização do piso e das faixas de tributação do IR. A

medida **embute** uma perda de arrecadação que, **dependendo** da avaliação, **varia** de 1 bilhão a 2,5 bilhões de reais. Quando o Estado **renuncia** à arrecadação de determinada quantia, é natural que a carga tributária **diminua**, certo? Não, no Brasil. Com uma série de outras medidas embutidas na mesma MP que **baixou** a cobrança de IR dos assalariados, o governo **conseguiu aumentar** a arrecadação total em 1,2 bilhão de reais. Uma reportagem da Veja que **começa** na página 82 **mostra** como essa operação **foi feita**. **Fingir** que se **cortam** impostos quando na verdade se **está aumentando** a carga tributária é manobra tão antiga quanto marota.

O coelho na cartola da receita. Veja, 12 de Janeiro de 2005.

7. Há um bom tempo Istoé **defende** que, nessa revoltante, desgastante e melancólica crise política que **atravessamos**, tão importante quanto a punição dos envolvidos que se **provarem** culpados é a busca concreta pelas reformas necessárias para **tolher**, **dificultar** e **impedir** que tudo isso **aconteça** de novo. Até porque essa crise já **está antecipando** a campanha para presidente, cuja eleição só **acontecerá** em outubro do ano que vem e, se nada **for feito**, a repetição dos escândalos **será** inevitável. Essa antecipação **vem carregada** de excesso de adrenalina causado pelos escândalos e pela enxurrada de acusações. E isso **parece ter anestesiado** o precioso bom senso imprescindível para o exercício das funções públicas. Por um lado, no rastro dos estrondosos, inegáveis e indefensáveis fatos ilícitos que **estão deixando** boquiabertos os brasileiros, também acusações, ilações e indícios **são** divulgados e publicados com lamentável açodamento. Por outro lado, a mesma falta de bom senso **está tirando** do prumo pessoas que **têm** a obrigação institucional de se **manter** nele como, por exemplo, o presidente da República. E isso **coloca** em risco a manutenção da necessária tranqüilidade em um momento como esse e, pior, **instala** no País um tenebroso clima de todos contra todos.

A hora de redesenhar o país Istoé, 10 de Agosto de 2005

8. A super é uma revista para quem gosta de ler. Para gente curiosa, que **adora saber** mais sobre tudo. Gente que não **suporta** a sensação de permanecer ignorando assuntos relevantes. **Estou descrevendo** você, que me **lê** agora. Nem por isso a super é uma revista que não **deva ter** anúncios. Primeiro: bons anúncios **informam**, **divertem**, **são** boa leitura. Segundo: nos **permitem cobrar** apenas 8,95 reais pela super. (Ou você **acha** que sem os anunciantes a gente **conseguiria cobrar** essa ninharia – o preço de um hambúrguer?) Terceiro: você sempre **receberá** no mínimo 70 páginas editoriais todo mês. Independentemente do número de anúncios da edição. Esse é um compromisso de ouro nosso.

A gente adora anúncio. Super Interessante

Com pôde ser constatado por meio das tabelas de frequência de ocorrências e pelos gráficos a elas relacionados, a predominância do presente do Indicativo, tempo principal do mundo comentado, em todos os excertos confere a esse tempo verbal atitude comunicativa própria, conforme proposta de Weinrich.

A preferência por esse tempo e sua relação com o mundo comentado implica em uma tomada de posição pelo interlocutor. Como não se posicionar quando se afirma que *O risco Brasil é um daqueles que, de tão voláteis, não podem ser levados a sério. ou São constrangedores os mais recentes indícios de nepotismo na Câmara dos Deputado. ou, ainda, De todos os casos, os que mais suscitam suspeitas de nepotismo são aqueles em que parlamentares empregam familiares em gabinetes de outros deputados...*, (exemplos extraídos dos editoriais) ou não se indignar com a manobra do fingimento do corte de impostos em: *Fingir que se cortam impostos quando na verdade se está aumentando a carga tributária é manobra tão antiga quanto marota.* (exemplo extraído da carta ao leitor), assim como outros empregos.

Acreditamos que o interlocutor, ao se deparar com esses textos, possa ter duas reações: i) se ele compactua com os fatos mencionados, deverá se valer de toda a sua oratória para convencer o falante ou, no caso o editor, de que os fatos são falaciosos, que não expressam a realidade tal como ela é, de que há por parte de quem escreveu o texto uma predisposição no julgamento, ou seja, condena-se antes mesmo da certificação de autenticidade, mas ii) se o interlocutor, ao contrário, não aceita os fatos e acredita que esses devam ser denunciados, ainda assim necessita reforçar para o outro sua posição, seja mostrando sua indignação ou acrescentando novas informações que contribuam argumentativamente para a discussão. Ou seja, qualquer que seja a posição assumida pelo leitor ou ouvinte, aceitação ou rejeição, essa jamais se dá de forma passiva.

Quanto ao pretérito perfeito do Indicativo, embora atue perspectivamente como tempo zero do mundo narrado, reflete aspecto retrospectivo em relação ao presente, tempo zero do mundo comentado.

Weinrich(1968, p.75), ao exemplificar uma interpretação filosófico-literária dada por Jean-Paul-Sartre a uma novela de Camus, observa uma mudança de atitude comunicativa de ensaio, dando a seguinte explicação:

Das frases que resumem o conteúdo, pode-se dizer que não é essencial que o autor faça uso do presente ou do futuro. Para a harmonia das partes de uma situação comunicativa unitária é somente decisivo que haja concordância dos tempos do mundo comentado. Só assim fica garantido que também o relato do conteúdo se conserve no clima da situação comentadora e não tenha que ser refeito penosamente pelo autor.<sup>1</sup>

É, por isso, que, ao nos depararmos com o trecho - *Na semana passada, o IBGE **soltou** outra daquelas estatísticas que, de tão eloqüentes, não **deixam** espaço para dúvidas: o PIB, em todas as áreas, **foi** medíocre (**creceu**, em média, 0,3% no trimestre) e o Brasil **deu** marcantes sinais de que a desaceleração **segue** a sua balada.*, a alternância do presente e do pretérito em um mesmo período não ocasiona problemas de coesão. O emprego do pretérito perfeito sugere a expressão de um fato já concluído no momento da fala como, por exemplo, as estatísticas soltadas pelo IBGE ou o crescimento de 0,3% do PIB, recurso argumentativo usado como forma de consubstanciar por meio de dados ou informações o que está sendo dito.

Embora Weinrich desconsidere as questões aspectuais do verbos, acreditamos em seu papel na organização das situações no interior do texto, seja como forma de marcar um conceito ou argumento ou especificação. É o que constata Travaglia(1991, p. 273), ao estudar o comportamento textual-discursivo do verbo em português. Para ele, a predominância do presente do Indicativo em dissertações no presente ocorre, *porque com ele tem-se os aspectos imperfectivo, começado, cursivo e indeterminado ou habitual, o tempo presente com valor onitemporal, a modalidade da certeza.* Ou seja, é por meio do emprego do presente do Indicativo e sua característica aspectual de assertividade que o autor consegue revelar a força argumentativa de seu texto.

E quanto à presença do infinitivo, qual seria a explicação para esse tempo, visto que Weinrich não o inclui no rol dos tempos do mundo comentado? Se considerarmos a justificativa do autor de que essa forma não oferece informações completas sobre pessoa e tempo, daí sua não inclusão, é necessário esclarecer que, nos casos analisados, poder-se-ia ter utilizado o infinitivo pessoal como, por exemplo, em - *parlamentares **empregam** familiares em gabinetes de outros deputados, numa tentativa de **camuflar(EM)** a prática e **evitar(EM)** desgastes.* Acreditamos que a desconsideração do infinitivo seja decorrente de sua forma aspectualmente neutra.

Segundo Travaglia(1985, p.192-193), *o infinitivo é aspectualmente neutro, apresentando a situação em si, não atualiza qualquer noção aspectual, quer na forma não flexionada, quer na forma flexionada.* Embora Weinrich não tenha incluído a categoria aspectual em sua teoria, podemos conjecturar que sua ausência possa ser em função de o infinitivo ser aspectualmente neutro, interessando tão somente à situação em si ou sua pura existência ou realização.

## 8. Considerações finais

Os resultados dessa pesquisa atestaram que o emprego de alguns tempos verbais, principalmente o presente do Indicativo, pode funcionar argumentativamente tanto nos editoriais quanto nas cartas ao leitor, comprovando, assim, a teoria de Weinrich a cerca da atitude comunicativa do mundo comentado e, ainda, a pertinência do agrupamento do argumentar, conforme Dolz & Schneuwly, tendo na sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição sua capacidade de linguagem dominante.

Além disso, pudemos perceber, ao cotejar os editoriais e as cartas ao leitor, que, quanto ao emprego dos tempos verbais, não há diferenças significativas entre eles que poderiam justificar nomeações distintas encontradas em um mesmo domínio discursivo, o jornalístico.

Nossa hipótese de que restaria à discussão de problemas controversos, ou seja, ao domínio de comunicação a diferenciação maior entre esses dois gêneros foi comprovada apenas parcialmente nas cartas ao leitor da revista Super Interessante, pois nesse suporte parece predominar a transmissão do que se encontra no interior da revista ou *um mini-resumo da edição, uma espécie de índice editado do que o editor considera o melhor daquelas páginas*, conforme nos revelou o próprio editor da revista.

Concluindo, acreditamos que o emprego dos tempos verbais nesse agrupamento constitui apenas um dos elementos composicionais do mesmo, a ser complementado ao final desta pesquisa.

---

<sup>1</sup> . As traduções são de nossa responsabilidade.

## 9. Referências bibliográficas

- ARRUDA-FERNANDES, V.M.B. Introdução aos estudos sobre argumentação. In: FERNANDES, C. & SANTOS, J.B.C. (orgs.) *Teorias lingüísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2003.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1929/1992.
- DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
- MORATO, E. M. O interacionismo no campo lingüístico. In: MUSSALIM, F. & BENTES, AC.(orgs.) *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. Vol. 3, São Paulo: Cortez, 2004.
- RABAÇA, C. & BARBOSA, G. *Dicionário de comunicação*. 2ed. , São Paulo: Ática, 1987.
- ROJO, R. H.R. A teoria dos gêneros em Bakhtin: construindo uma perspectiva enunciativa para o ensino de compreensão e produção de textos na escola. In: BRAIT, B. (org.) *Estudos enunciativos no Brasil – histórias e perspectivas*. Campinas: Pontes/Fapesp, 2001.
- TRAVAGLIA, L. C. *Um estudo textual-discursivo do verbo em português do Brasil*. Campinas: Unicamp. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas, 1991.
- TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português; a categoria e sua expressão*. Uberlândia: UFU, 1981.
- WEINRICH, H. *Estructura y función de los tiempos em el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1968.

## **CORPUS DE REFERÊNCIA DAS CARTAS AO LEITOR**

### **Revista Istoé**

- O tempo passa* Istoé, São Paulo, nº 1870, 17 de Agosto de 2005 [www.terra.com.br/istoe/1870/1870\\_editorial.htm](http://www.terra.com.br/istoe/1870/1870_editorial.htm)
- A hora de redesenhar o país* Istoé, São Paulo, nº 1869, 10 de Agosto de 2005  
[www.terra.com.br/istoe/1869/1869\\_editorial.htm](http://www.terra.com.br/istoe/1869/1869_editorial.htm)
- Deplorável reprise*. Istoé, São Paulo, nº 1868, 03 de Agosto de 2005  
[www.terra.com.br/istoe/1868/1868\\_editorial.htm](http://www.terra.com.br/istoe/1868/1868_editorial.htm)
- Muy aliados e muy amigos*. Istoé, São Paulo, nº 1858, 25 de Maio de 2005  
[www.terra.com.br/istoe/1858/1858\\_editorial.htm](http://www.terra.com.br/istoe/1858/1858_editorial.htm)
- Que bom seria!* Istoé, São Paulo, nº 1857, 18 de Maio de 2005 [www.terra.com.br/istoe/1857/1857\\_editorial.htm](http://www.terra.com.br/istoe/1857/1857_editorial.htm)
- À espera do primeiro milagre de Bento XVI*. Istoé, São Paulo, nº 1854, 27 de Abril de 2005  
[www.terra.com.br/istoe/1854/1854\\_editorial.htm](http://www.terra.com.br/istoe/1854/1854_editorial.htm)
- Macaquices lá e cá*. Istoé, São Paulo, nº 1853, 20 de Abril de 2005  
[www.terra.com.br/istoe/1853/1853\\_editorial.htm](http://www.terra.com.br/istoe/1853/1853_editorial.htm)
- Bom humor – no cinema e na reportagem*. Istoé, São Paulo, nº 1850, 30 de Março de 2005  
[www.terra.com.br/istoe/1850/1850\\_editorial.htm](http://www.terra.com.br/istoe/1850/1850_editorial.htm)
- Sucesso e simplicidade*. Istoé, São Paulo, nº 1849, 23 de Março de 2005  
[www.terra.com.br/istoe/1849/1849\\_editorial.htm](http://www.terra.com.br/istoe/1849/1849_editorial.htm)
- Ilusões perdidas*. Istoé, São Paulo, nº 1846, 02 de Março de 2005  
[www.terra.com.br/istoe/1846/1846\\_editorial.htm](http://www.terra.com.br/istoe/1846/1846_editorial.htm)

### **Revista Veja**

- Um câncer da alma do país*. Veja, São Paulo, 25 de Maio de 2005.
- Câncer sem tabu*. Veja, São Paulo, 18 de Maio de 2005.
- Em nome do Leitor*. Veja, São Paulo, 04 de Maio de 2005.
- Rio, passado e futuro*. Veja, São Paulo, 20 de Abril de 2005.
- A epidemia democrática*. Veja, São Paulo, 30 de Março de 2005.
- A Farc e a capa da VEJA*. Veja, São Paulo, 23 de Março de 2005.

*A voz dos leitores.* Veja, São Paulo, 09 de Março de 2005.  
*Viva a diferença.* Veja, São Paulo, 02 de Março de 2005.  
*Culto à mediocridade.* Veja, São Paulo, 19 de Janeiro de 2005.  
*O coelho na cartola da receita.* Veja, São Paulo, 12 de Janeiro de 2005.

### **Revista Super Interessante**

*Facada em Jesus.* Super Interessante, São Paulo, Edição: 207. Dezembro de 2004.  
*Deixai dizer.* Super Interessante, São Paulo, Edição: 205. Outubro de 2004.  
*Só notícia boa.* Super Interessante, São Paulo, Edição: 203. Agosto de 2004.  
*A gente adora anúncio.* Super Interessante, São Paulo, Edição: 201. Junho de 2004.  
*A família Super.* Super Interessante, São Paulo, Edição: 199. Abril de 2004.  
*Alegria, alegria.* Super Interessante, São Paulo, Edição: 198. Março de 2004.  
*O Rei e eu.* Super Interessante, São Paulo, Edição: 191. Agosto de 2003.  
*Nosso D'artagnan.* Super Interessante, São Paulo, Edição: 188. Maio de 2003.  
*Quem lê a Super?* Super Interessante, São Paulo, Edição: 187. Abril de 2003.  
*Volte sempre Zé.* Super Interessante, São Paulo, Edição: 186. Março de 2003.

### **CORPUS DE REFERÊNCIA DOS EDITORIAIS**

#### **Folha de S. Paulo**

*Mulheres honestas.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 31/03/05  
*Prefeitura às escuras.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 31/03/05  
*Conflito comercial.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 22/04/05  
*Cerco à pichação.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 30/03/05  
*Fundo educacional.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 02/03/05  
*A fila dos transplantes.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 28/03/05  
*Olhar as favelas.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 23/04/05  
*Avaliação do ensino.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 05/05/05  
*Nepotismo à solta.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 29/03/05  
*Extorsão nas ruas.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 11/04/05  
*Valor ambiental.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 04/04/05  
*Cenário melhor.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 04/04/05  
*Abril sem ordem.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 06/04/05  
*Democracia inacabada.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 24/04/05  
*Racismo em campo.* Folha de S. Paulo, São Paulo, 15/04/05

#### **Revista Istoé dinheiro (www.istoedinheiro.com.br)**

MARQUES, C. J. *A natureza da economia.* Revista Istoé dinheiro, São Paulo, 22/06/05  
\_\_\_\_\_. *A economia vai bem.* Revista Istoé dinheiro, São Paulo, 27/04/05  
\_\_\_\_\_. *Em busca da economia perdida.* Revista Istoé dinheiro, São Paulo, 01/05/05  
\_\_\_\_\_. *O show particular de Kirchner.* Revista Istoé dinheiro, São Paulo, 18/05/05  
\_\_\_\_\_. *Surpresa no espetáculo.* Revista Istoé dinheiro, São Paulo, 08/06/05  
\_\_\_\_\_. *Santo encontro no AeroLula.* Revista Istoé dinheiro, São Paulo, 13/04/05  
\_\_\_\_\_. *No ralo do propinoduto.* Revista Istoé dinheiro, São Paulo, 01/06/05  
\_\_\_\_\_. *Empresário, um eterno filantropo.* Revista Istoé dinheiro. São Paulo, 04/05/05  
\_\_\_\_\_. *Daslu e DasLula.* Revista Istoé dinheiro, São Paulo, 27/07/05  
\_\_\_\_\_. *A economia piscou.* Revista Istoé dinheiro, São Paulo, 03/08/05  
\_\_\_\_\_. *O dólar no caminho certo.* Revista Istoé dinheiro, São Paulo, 07/05/05  
\_\_\_\_\_. *Óbvio Lulante.* Revista Istoé dinheiro. São Paulo, 20/04/05  
\_\_\_\_\_. *O recado foi dado.* Revista Istoé dinheiro. São Paulo, 06/04/05  
\_\_\_\_\_. *Rebelião fiscal.* Revista Istoé dinheiro. São Paulo, 24/02/05  
\_\_\_\_\_. *O monstro da deflação.* Revista Istoé dinheiro. São Paulo, 20/07/05